Recebido em: **15/3/2010** Emitido parece em: **5/4/2010** **Artigo original**

RELAÇÃO ENTRE MENINOS E MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO

Isabela Santos de Menezes[1], Marcela Gobbato dos Santos[1], Kátia Regina Sá[1], Liliana Borges[1]

RESUMO

Ao iniciarmos o estágio supervisionado de Educação Física, percebemos certa dificuldade de relação entre alunos e alunas durante as aulas, fato que motivou o desenvolvimento deste estudo, que buscou investigar as relações entre os gêneros estabelecidas nas aulas de Educação Física. A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual, localizada em Belo Horizonte. Fizeram parte da amostra duas turmas de 8º ano e uma do 9º ano, totalizando 64 alunos de ambos os sexos. O estudo foi realizado a partir de uma perspectiva etnográfica. Para a coleta de dados realizamos a observação direta durante as aulas de Educação Física, os registros das 30 aulas observadas, além de um questionário contendo perguntas abertas, formulado pelas pesquisadoras. Os resultados tanto das observações quanto do questionário mostraram que, apesar de ambos os sexos executarem as aulas de Educação Física de forma mista, há pouca interação entre eles/as durante essas aulas, destacando em duas turmas um domínio masculino sobre o sexo feminino. Diferentemente, em uma das turmas observadas percebemos que, além de ocorrer essa interação, as meninas comandam as atividades propostas sem o questionamento dos alunos.

Palavras-chave: Gênero, Educação Física, cultura escolar.

RELATIONSHIP BETWEEN BOYS AND GIRLS IN THE CLASSES OF PHYSICAL EDUCATION: A STUDY OF CASE

ABSTRACT

When we begin the supervised apprenticeship of Physical Education, we noticed certain relationship difficulty between students, boys and girls during the classes, fact that motivated the development of this study that looked for to investigate the relationships among the genders established in the classes of Physical Education. The research was accomplished at a state public school, located in Belo Horizonte. They were part of the sample two 8th year groups and one of the 9th year, totaling 64 students of both sexes. The study was accomplished starting from a perspective ethnographic. For the collection of data we accomplished the direct observation during the classes of Physical Education, the registrations of the 30 observed classes, besides a questionnaire containing open questions, formulated by the researchers. The results as much of the observations as of the questionnaire they showed that, in spite of both sexes they execute the classes of Physical Education in a mixed way, there is little interaction among them during those classes, highlighting in two groups a masculine domain on the feminine sex. Differently, in one of the observed groups we noticed that, besides happening that interaction, the girls command the activities proposed without the students' questioningly.

Keywords: Gender, Physical Education, school culture.

INTRODUÇÃO

Gênero é entendido como uma construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação à homens e mulheres. (SOUSA e ALTMANN, 1999). Esta construção é imposta pela sociedade desde o nascimento, a partir de atitudes excludentes e que muitas vezes passam despercebidas. (SILVA e COSTA, 2008). Pensando em gênero como construção social e sendo este fundado nas diferenças biológicas entre os sexos, classifica-se em uma categoria relacional, devendo levar em conta o outro sexo, em presença ou ausência. (SOUSA, 1995).

Nas aulas de Educação Física as divisões de gêneros nem sempre são mantidas entre meninos e meninas já que, muitas vezes, deixam esta questão de lado realizando diversas atividades juntos. (SOUSA e ALTMANN, 1999). Essa junção está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), que afirma que as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias. Entretanto, a tentativa de alguns/as profissionais de Educação Física desenvolverem as práticas corporais tomando a co-educação como norte, apesar de serem "bem intencionadas", muitas vezes não agrada a todos, ou seja, meninas e meninos sentem-se obrigados a participarem das atividades exigidas pelo professor de forma mista. (SAYÃO, 2002).

O estudo de Silva e Costa (2008) ressalta que a Educação Física na escola deve ser ofertada igualmente para as meninas e meninos, sendo destinados recursos iguais para as atividades ditas femininas e masculinas. Para tanto, é importante ampliar as possibilidades e práticas corporais oferecidas às meninas e aos meninos que objetivem a participação e aprendizagem de todos/as.

De acordo com Sousa e Altmann (1999), principalmente nas aulas de Educação Física, os educadores enfrentam inúmeras dificuldades e conflitos em relação às questões de gênero presentes na cultura escolar, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente, limitando assim, o poder de intervenção da escola que, por conseguinte, também constroi cultura e cria propostas político-pedagógicas que vinculam a cultura escolar e as aprendizagens de origem externa à escolaridade. Apesar das dificuldades, nas aulas de Educação Física o professor deve assumir o papel de formador do cidadão, transmitindo o saber elaborado desvinculado de qualquer valor que vise à reprodução de preconceitos, discriminação e subordinação. (BOZI *et al*., 2008).

As situações de exclusão são intensificadas especialmente nas aulas de Educação Física em que o conteúdo esportivo é abordado a partir da ótica do rendimento. Dependendo de como é trabalhado, o esporte pode ser um conteúdo mais excludente nas aulas de Educação Física. Para Kunz (2003), a participação dos diferentes sujeitos nas aulas de Educação Física com o conteúdo esporte, não deveria priorizar o resultado do jogo, mas a experiência de diálogo que ele proporciona a partir da intervenção docente. Nos estudos de Sousa e Altmann (1999), as autoras ressaltam que a exclusão não pode ser afirmada por questões de gênero, mas também por fatores como a habilidade, a idade e a estrutura corporal, sendo geralmente as meninas consideradas as mais frágeis nas aulas de Educação Física.

É papel do professor de Educação Física, transmitir a valorização da equidade entre os gêneros, através de orientações, discussões e atividades corporais que objetivam a participação e aprendizagem de todos, buscando as relações de gêneros fundadas não somente nas diferenças, mas também nas semelhanças. (BRASIL, 2000). Apesar disso, ainda existe uma grande discriminação das mulheres no âmbito escolar, principalmente nas aulas de Educação Física, mesmo havendo uma resistência do gênero feminino sobre as imposições que a sociedade culturalmente impôs e com o grande desenvolvimento delas em todos os aspectos. (BOZI *et al*., 2008).

Na maioria das turmas havia uma dominância do sexo masculino, mas em uma delas, percebeu-se que a dominância era de algumas alunas. Por que isto acontecia? Como ocorriam estas relações? Diante desses fatos notou-se a dificuldade de relação entre alunos e alunas durante as aulas de Educação Física, o que instigou a realização deste estudo. Portanto, este estudo tem como objetivo investigar as relações entre os gêneros estabelecidas nas aulas de Educação Física.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, foi desenvolvida uma pesquisa de campo durante o primeiro semestre de 2009, em uma escola Estadual de Belo Horizonte. O estudo foi realizado a partir de uma perspectiva etnográfica – que consiste no estudo de um objeto por vivência direta da realidade onde este se insere, de cunho quanti-qualitativo. As pesquisas qualitativas são usadas quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. Já as pesquisas quantitativas são mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos estruturados (questionários). (CRUZ e PALMEIRA, 2009).

A amostra do estudo foi composta por 64 alunos (38 do sexo feminino e 26 do sexo masculino) do ensino fundamental, com faixa etária entre 13 e 15 anos de uma escola estadual de Belo Horizonte. Segundo Altmann (1998, p.15), "esta faixa etária é apontada por docentes e pesquisadores de Educação Física, como idades em que as relações de gênero se manifestam de forma bastante conflituosas". Ao início da pesquisa, a qual teve o caráter voluntário e garantiu anonimato, os indivíduos foram informados dos propósitos e dos procedimentos que seriam utilizados.

Durante o período de estágio foram observadas trinta aulas de Educação Física, cada uma com duração de cinquenta minutos. Estas foram registradas em nosso caderno de docência, uma das atividades exigidas durante o estágio e que agora se torna um valioso documento de busca para análise dos dados. Além disso, foi utilizado um questionário direcionado para os alunos, elaborado pelas autoras e avaliado por profissionais da área. Este era composto por quatro perguntas abertas: Quem lidera a turma, com relação às aulas de Educação Física: meninos ou meninas?; Vocês jogam futebol com o sexo oposto?; Você prefere as aulas de Educação Física mistas ou separadas por sexos? O que você sugere de mudança nas aulas de Educação Física?.

Ao final do semestre, com a autorização do professor regente, o instrumento foi aplicado sexta feira dia 19 de junho de 2009 pela manhã, antecedendo as aulas de Educação Física. Após a entrega do questionário para cada indivíduo, as perguntas foram lidas e todas as dúvidas sanadas. Ao término do mesmo, identificava-se a turma dos alunos que, após, se direcionavam para a quadra para a realização da aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola se localiza em uma região central de Belo Horizonte, atendendo alunos/as moradores de diferentes comunidades. No projeto político pedagógico da escola, construído em 2006, menciona que seu objetivo é formar cidadãos e oferecer orientações aos professores para realizarem seus trabalhos. Seus princípios estão baseados na liberdade, dignidade, respeito e solidariedade humana. Para as aulas de Educação Física, a escola conta com uma quadra coberta e um pequeno pátio, onde os/as alunos/as dividiam o espaço com os carros estacionados.

Quanto à liderança da turma nas aulas, dos 26 alunos, 21 deles relatam serem eles mesmos os líderes, enquanto 20 alunas, das 38 relatam serem elas. Em nossas observações, pode-se notar que os alunos, na maioria das vezes, realmente comandavam as aulas, apenas em uma das turmas, notou-se que a liderança era totalmente feminina, principalmente na prática do futebol. Destacamos este fato em nosso caderno de docência.

> Nesse dia, algumas turmas realizaram atividades fora da escola, juntamente com os professores de Educação Física. Então, ficamos com as nossas turmas, e tomamos conta da turma do último horário, a qual nunca havíamos ministrado aula. Nessa turma, percebemos a existência de três meninas que lideravam a aula, mais especificamente o futebol, já que decidiam quem ia jogar e quem não ia, e os meninos apenas obedeciam. (CADERNO DE DOCÊNCIA)

Pode-se perceber que nesta turma, apesar da liderança feminina estar explícita, alguns alunos responderam ao questionário que a liderança era masculina. O estudo de Goellner (2005) ressalta que o espaço conquistado pelas mulheres dentro do esporte, veio no século XX, fazendo com que estas adquirissem maior visibilidade. Isso fez com que gerasse ao mesmo tempo, ameaça, porque chama para si a atenção de homens e mulheres dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e coloca em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade; e complementaridade, porque passa a ser parceira dos homens em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser.

Uma aluna destaca em sua resposta que as mulheres têm conquistado espaço: "São ótimas [as aulas de Educação Física] pois sempre estamos competindo, 'pra' que os meninos saibam que não somos sexo frágil, que somos bastante competentes, o que se aprimorou com o passar dos tempos." Goellner (2005) comenta que apesar dessa crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que a participação delas como esportistas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens. Por isso, segundo Sousa e Altmann (1999), pode-se dizer que os esportes não deixaram de ser generificados.

Quanto à participação de ambos os sexos na prática do futebol, dos 26 alunos, 22 deles e das 38 alunas, 20 delas dizem aceitar jogar este esporte com o sexo oposto. Porém, nota-se que há uma contradição entre o questionário e as observações realizadas, pois pudemos constatar que esses alunos não aceitam essas alunas na quadra.

> Nas duas turmas [84 e 93] a aula foi livre, pois o professor aplicou uma prova prática de basquete nos meninos, e as meninas, pela primeira vez ficaram na quadra. Porém, quando os meninos iam acabando a prova, eles iam atrapalhando as meninas a jogarem futebol, e isso fez com que elas, aos poucos, desistissem de jogar indo, então, pular corda e jogar vôlei. Ao final da aula os meninos já haviam dominado a quadra novamente. (CADERNO DE DOCÊNCIA)

Este fato assemelha-se ao estudo de Altmann, conforme vemos a seguir:

> O esporte é um meio de os meninos exercerem domínio de espaço na escola. Percebe-se ainda que as meninas resistiam à dominação masculina por meio de outras atividades que não as esportivas, como jogos musicados, pular corda. Assim, elas conquistavam espaço na quadra ou no pátio recorrendo a outras atividades e não jogando futebol, o que se explica pelo fato de o esporte – e mais especificamente o futebol – ser um espaço masculino na escola. (1998, p.26)

Sobre isto, algumas alunas nos relataram no questionário, o "egoísmo" dos alunos em relação à prática do esporte, especificamente no futebol. Segue os comentários delas:

> - No futebol eles não [nos] aceitam na queimada as meninas os aceitam.
>
> - As meninas são obrigadas a aceitar. Os meninos nunca aceitam.
>
> - Não, porque eles não deixam e quando deixam jogam brutamente.

Este fato é recorrente nas turmas 83 e 94. Diferentemente, na turma 84, a qual a liderança era feminina, ocorria o seguinte:

> A turma escolheu o futebol como o esporte a ser praticado nesta aula de Educação Física. Três meninas separam os times e jogam com os meninos. Alguns minutos depois, uma colega de estágio pede a bola que eles estavam utilizando antes de iniciar a aula de Educação Física, para poder guardá-la. Eles relatam que não estavam com a bola e então **uma menina** [líder] pega a bola que eles estavam jogando, e segurando-a em suas mãos, manda os meninos irem procurar a bola perdida. O jogo só se reinicia quando os meninos trazem a bola para ser guardada. (Caderno de docência)

Dessa forma, vemos que em uma mesma escola as relações de gênero ocorrem de maneira muito particular em cada turma constituída.

Quanto à preferência de realizar as aulas de Educação Física com ambos os sexos, 19 alunas e 19 alunos, relataram que preferem as aulas separadas. Podemos confirmar estes resultados nas respostas abaixo:

> **Aluna:** - Não [gosto]. Porque os meninos não respeitam as meninas ai, não tem jeito de fazer Educação Física.
> **7 Alunas:** - Não [gosto] pois eles são muito violentos.
> **Aluno: -** Não [gosto]. As meninas não sabem jogar nada.

Segundo Durand-Delvigne e Duro-Bellat (2003) citado por Louzada *et al.* (2007, p.58) existem alguns fatores desfavoráveis para a realização de aulas mistas, uma vez que as meninas tendem a subestimar suas potencialidades, inibidas pela presença dos meninos. Os autores complementam dizendo que "as meninas justificam a turma separada devido ao fato de os meninos serem brutos e as descriminarem; enquanto para os meninos, a justificativa é que em turmas separadas a intensidade da aula é maior".

De acordo com Darido *et al.* (2001) uma Educação Física com perspectivas educacionais realmente voltadas para a formação do cidadão, precisa ter um olhar direcionado para a inclusão. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem o princípio da inclusão e vislumbra uma Educação

Física na escola que supera as exclusões, mas infelizmente, segundo a autora ainda não ocorre na maioria das aulas de Educação Física nos diferentes segmentos escolares.

Quanto às mudanças que devem ser feitas nas aulas de Educação Física, 34 alunos/as ressaltaram o modo com que o professor ministra suas aulas, e 30 alunos/as responderam simplesmente usando a palavra "nada". Abaixo, mostraremos alguns relatos dos/as alunos/as feitos sobre as aulas de Educação Física do professor:

- O professor é um lerdo e não tem pulso sobre a sala.
- Mais comprometimento e atenção do professor.
- O professor. Ele é meio monótono.

Esta falta de interesse com as aulas do professor pode ser comprovada a partir do comentário feito pela turma 83 em um dia de estágio: "Não gostamos das aulas do professor. Ele só deixa a gente dentro da sala de aula. Vocês poderiam substituí-lo." Vemos, portanto, que as relações entre o professor e seus/as alunos/as também necessita de interação. Campos *et al.* (2008) afirmam que a maior participação de alunos/as nas aulas de Educação Física depende da criatividade e motivação que o/a professor/a possibilita.

CONCLUSÃO

Nesse artigo a abordagem de gênero no contexto escolar, teve a intenção de refletir sobre relações entre alunos e alunas nas aulas de Educação Física. Tendo em vista que a transmissão dos preconceitos sexuais é de ordem cultural e não biológica, é necessário que se interfira na progressão do mesmo, principalmente na cultura escolar, pois esta reforça os preconceitos através de palavras e atitudes que vão introduzindo nas crianças a ideia de separação entre os gêneros. Precisa-se estimular atitudes que possam caminhar no sentido da superação dos preconceitos baseados na diferença ainda referenciada na biologia entre os sexos, considerá-las como importante pauta de discussão, a fim de propor a igualdade de oportunidade para todos, tolerância e respeito às diferenças.

Entretanto, após as observações e a analise do questionário, pode-se perceber que na escola as aulas de Educação Física são realizadas de forma mista, porém há uma separação feita pelo próprio professor e pelos alunos, onde na maioria das vezes, pelo fato da liderança ser na maioria masculina, os meninos jogavam futebol na quadra de esporte e as meninas faziam outra atividade em um espaço menor, ou não faziam nada durante a aula. Assim, a probabilidade de a escola estar contribuindo para a reprodução dos preconceitos existente a cerca das questões de gênero é muito grande.

A Educação Física nesta instituição trata o esporte, seu principal conteúdo, a partir de uma metodologia pautada na perspectiva dos Jogos Tradicionais, a qual está centrada no desenvolvimento das habilidades técnicas. Desta maneira, o esporte, se apresenta como um espaço não democrático, já que a sua prática prioriza o desempenho, o que consequentemente levará às exclusões.

As atividades lúdicas e co-educativas tornam-se uma grande possibilidade educacional não só para os meninos, mas também para as meninas, uma vez que o lúdico constitui-se como um espaço possível de transformação cultural, já que proporciona as/os alunas/os um espaço para criar, recriar e transformar, fato que possivelmente poderá levá-las/os a serem cidadãos/ãs produtores/as de cultura, e não consumidores/as passivos/as. Assim, pode-se notar que as aulas co-educativas como práticas pedagógicas transformadoras, são possíveis e, além disso, mostram-se como importantes ferramentas para superar as desigualdades instituídas em nossa sociedade.

Pode-se dizer então, que é na escola que se aprende o que falar e o que silenciar. Desta forma, colocamos todas as nossas expectativas de resistência e superação de padrões relacionados a gênero, raça e classe, pensando na invenção de novos comportamentos que demarquem novos arranjos sociais e culturais numa ação entre meninos e meninas.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias e homens na Educação Física.** Dissertação de mestrado, UFMG: Belo Horizonte, 1998.

BOZI, L.H.M.; JESUS, D.G.; MELO, A.L.M.; ESPERANÇA,R.A.A. Educação Física escolar: principais formas de preconceito. **Lectures Educación Física y Deportes** - Buenos Aires - Ano 12 - N° 117 – Fev. 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd117/educacao-fisica-escolar-principais-formas-de-preconceito.htm >. Acesso em: 25 jun.2009.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** Educação Física **/**Secretaria de Educação Fundamental. 2ª- ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2000. p. 30.

CAMPOS, A.F.; COCATE, P.G.; FREITAS, M.E.P.; SOARES, L.A.; CRUZ, L.A da. A questão de gênero nas aulas de Educação Física**. Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 3, nº 3, p. 79 - 88, 2008.

CRUZ, M.M.S; PALMEIRA, F.C.C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15, nº 1, p. 116 – 131, 2009.

DARIDO, S. C.; RANGEL-BETTI, I. C.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; MOTA E SILVA, E. V.; RODRIGUES, L. H.; NETO, L.S; PONTES, G.; CUNHA, F. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.15, nº.1, p.17- 32, 2001.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**, v. 8, nº- 1, p. 85 - 100, 2005.

KUNZ, E. **Transformação didático – pedagógica do esporte**. 5ª- ed. p. 73-75. Ijuí: Unijuí, 2003.

LOUZADA. M; VOTRE. S; DEVIDE. F. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campina, v. 28, nº 2, p. 55-68, 2007. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php?journal=RBCE&page=article&op=viewFile&path[]=55&path[]=63>. Acesso em: 03 set. 2009.

SILVA, R. G.; COSTA, M.R.F. O ensino da diferença sexual nas aulas de Educação Física. 1º Encontro da Alesde, In: **Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas**. Curitiba: UFPR, 2008. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/o-ensino-diferenca-sexual-nas-aulas-educacao-fisica.pdf> . Acesso em: 20 jun. 2009.

SOUSA, E. S. Educação, lazer e as relações de gênero. In: **O lúdico e as políticas públicas.** Belo Horizonte: PBH/SMES, p. 62 - 69, 1995.

SOUSA, E. S; ALTMANN H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, 1999. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2009.

SAYÃO, D. T. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? **Revista Motrivivência,** Editora UFSC, nº 19, 2002. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/959/737>. Acesso em 02 fev. 2010.

[1] Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH

Rua Doutor Henrique Sales, 185 / 405
Belo Horizonte - MG